

JORNAL: JORNAL DE LETRAS LOCAL: GUANABARA

DATA: 16/1956 AUTOR: F. A.

TÍTULO: O SALÃO DE ARTE MODERNA DE 1956

ASSUNTO: F. A. DEFENDE O PRÊMIO DE VIAGEM PARA IVAN

SALÃO DE 1956

# O SALÃO DE ARTE MODERNA DE 1956



FAYGA OSTROWER

INAUGUROU-SE o V Salão de Arte Moderna, no Ministério da Educação. Veio ele acompanhado de rumores e querelas, de desconfianças e moções de apoio, o que aliás, já é tradicional na história dos Salões.

Começou-se discutindo sobre o Regulamento do Salão, depois sobre a sua Comissão Organizadora e, por fim sobre a concessão dos prêmios de viagem, antes deles terem sido conferidos.

Tudo isso criou certa atmosfera de expectativa à sua volta, mas nem assim melhorou seu nível artístico. Como os do passado, o Salão de Arte Moderna de 1956 é medíocre e, mais que nos anos anteriores, neste estão ausentes quase todos os nomes mais importantes da nossa arte contemporânea; como por exemplo: Portinari, Segall, Di Cavalcanti, Pancetti, Burlé Max, Guignard Volpi, Clovis Graciano, Tarsila do Amaral, Milton Dacosta, Maria Leontina, Antônio Bandeira, Santa Rosa, Flexor, Goeldi, Marcelo Grassmann, Maria Martins, Celso Antônio, Bruno Giorgi, José Pedrosa, Mário Cravo, Ceschiatti, Franz Weissmann.

Eis porque este Salão não dá a medida anual das nossas atividades artísticas e, nem de longe, tem a importância das Bienais paulistas onde, com fidelidade, cada 2 anos,

se tem uma visão panorâmica da arte moderna brasileira. A ausência dos nomes citados, na sua maioria componentes da velha guarda moderna, deixa a representação da nossa arte figurativa a uns poucos jovens que, quase sempre, a defendem muito mal; principalmente os adeptos do néo-realismo que oscilam entre um primitivismo sem côr e um realismo sem imaginação.

A Seção onde o número de obras valiosas é mais elevado é, sem dúvida alguma, a de Desenho e Artes Gráficas; com Aldemir Martins, Anísio Medeiros, Arnaldo Pedrosa D'Horta (os três mais fortes candidatos ao prêmio de viagem ao estrangeiro da Seção), Augusto Rodrigues, Darel Lins, Levy Menezes, Lívio Abramo, Iberê Camargo, Lygia Pape, Poty, Rossini Perez, Vera Bocayuva, Vera Tormenta e Fayga Ostrower,



ALDEMIR MARTINS

Nesta Seção é de se notar, e assinalo isto porque é um fato chocante, a decadência do gravador Carlos Selier. É incrível o ponto a que chegou um homem inteligente e um artista valioso como ele era, ao enveredar pelo néo-realismo. Em verdade suas gravuras não são "neos" nem realistas, são velhas e acadêmicas. A simples inclusão delas neste Salão justifica a extinção dos "hors-concours".

A Seção de Escultura podemos praticamente considerá-la como inexistente.

Em pintura, tal é a fraqueza da representação figurativa que o júri — podemos prever — apesar de ter dois membros não muito favoráveis ao abstracionismo, será obrigado a dar o prêmio de viagem ao estrangeiro a um pintor abstracionista. Na realidade, este Salão atesta o esgotamento dos temas figurativos na pintura, a impraticabilidade dos nossos jovens pintores em dar aos temas do cotidiano uma forma plástica moderna, o mesmo vem sendo constatado nas Bienais de São Paulo. Apenas na gravura, por ser entre nós uma arte relativamente recente, os artistas conseguem novas soluções para a figura. Portinari uma vez declarou que a pintura iria acabar; certamente ele se referia à pintura figurativa que para não acabar de todo necessita de urgente renovação. Não apenas no Brasil, mas no mundo também, toda a geração vinda após a última guerra mostrou-se incapaz, seja de solidificar o caminho aberto por Picasso, Matisse, Braque, etc., seja de abrir novos rumos sem abandonar o cotidiano e sem cair no academismo. Coube aos abstracionistas resolver o impasse, ao abandonarem a questão da semelhança na pintura e ao acreditarem dogmáticamente que a criação e a expressão emotiva podem surgir da contemplação da forma pura. Não se trata de saber se os artistas não-figurativos fazem ou não o que o espectador deseja, mas sim de se constatar que eles levam até o fim a pintura que podem e que a sua época permite.

Para nós, é indiscutível que o artista mais valioso deste Salão é Ivan Serpa. E não só pelas qualidades intrínsecas da sua pintura como pelas possibilidades futuras que ela apresenta. O jovem artista,



ANÍSIO MEDEIROS

de sérias pesquisas, achou um meio de expressão próprio; e isto é raro, pois sua arte enfeixa-se no movimento internacional abstracionista sujas influências passam de país a país e de grupo a grupo. Ivan Serpa tem hoje uma arte inconfundível, e sua capacidade de trabalho, sua modestia, sua vitalidade e seu perfeito domínio do "métier" o colocam no primeiro plano da nossa pintura. Não precisa torturar a forma para fazê-la viver; procura, antes, relações de semelhança entre elas e um equilíbrio estável na composição para fazer surgir os sinais concretos do homem: sua imaginação e emoção. Não rejeita as formas da natureza, rejeita apenas suas combinações — por isso é um pintor abstrato-concre-

tista — e não rejeita a influência dos mestres abstracionistas; mas pintando com a mesma intenção e o mesmo estilo que eles, consegue uma fórmula pessoal e nova.

Em plano quase idêntico ao de Ivan Serpa situa-se Firmino Saldanha, cuja arte forte e expressiva o tornam um sério candidato ao prêmio de viagem ao estrangeiro, pela Seção de Pintura.

Outros pintores que se destacam neste Salão: Raynaldo Nogueira, Zélia Salgado, Aluizio Cayão, Lygia Clark, Ubi Dava, Djanira, Rapoport. São estes poucos que, aliados aos gravuristas e desenhistas citados, fazem deste Salão um Salão de Arte Moderna.

F. A.

Journal de Letras  
junho de 1956

PARA QUALQUER